

A IGREJA CATÓLICA COMO AGENTE ESTRUTURADOR DA CIDADE DO SALVADOR NO PERÍODO COLONIAL

LA IGLESIA CATÓLICA COMO AGENTE ESTRUCTURADOR DE LA
CIUDAD DE SALVADOR EN EL PERÍODO COLONIAL

THE CATHOLIC CHURCH AS A STRUCTURING AGENT FOR THE CITY
OF SALVADOR IN THE COLONIAL PERIOD

RESUMO

Salvador foi a capital da América Portuguesa de 1549 até 1763. Ela também foi a segunda cidade do Império português até o início do século XIX. A Igreja Católica junto com o Estado foram os principais agentes que estruturaram a cidade de Salvador durante todo o período colonial. A Igreja Secular vinculada ao Estado pelo regime do Padroado foi responsável pela implantação e manutenção da catedral da Sé, de igrejas e paróquias. As ordens religiosas com seus conventos foram importantes elementos para a estruturação do espaço urbano enquanto as ordens leigas eram proprietárias de igrejas e muitas terras e prédios urbanos e correspondiam à estruturação de uma sociedade escravista.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Católica; Agentes; Salvador.

RESUMEN

Salvador fue la capital de la América portuguesa desde 1549 hasta 1763. También fue la segunda ciudad del Imperio portugués hasta principios del siglo XIX. La Iglesia Católica junto con el Estado fueron los principales agentes que estructuraron la ciudad de Salvador durante todo el período colonial. La Iglesia Secular vinculada al Estado por el régimen de Padroado fue responsable de la implantación y el mantenimiento de la catedral, las iglesias y las parroquias. Las órdenes religiosas con sus conventos eran elementos importantes para la estructuración del espacio urbano, mientras que las órdenes laicas poseían iglesias y muchos terrenos y edificios urbanos y correspondían a la estructuración de una sociedad de esclavos.

PALABRAS-CLAVE: Iglesia Católica; Agentes; Salvador.

ABSTRACT

Salvador was the capital of the Portuguese America from 1549 until 1763. It was also the second city of the Portuguese Empire up to the 19th century. The Catholic Church together with the State was the main agents that structured the city of Salvador during the whole colonial period. The Secular Church related to the State through the Padroado was responsible for the implementation and maintenance of the Cathedral, churches and parishes; the religious orders with their convents were important structural elements of

**PEDRO DE ALMEIDA
VASCONCELOS**

Ph.D Universidade Católica
de Salvador / Universidade
Federal da Bahia
Pesquisador CNPq 1-A
pavascon@uol.com.br

Artigo recebido em:

28/07/2020

Artigo aprovado em:

28/09/2020

the urban space while the laic orders owned churches and many urban properties and corresponded to the structuring of a slave society.

KEYWORDS: Catholic Church; Agents; Salvador.

INTRODUÇÃO^a

Para entender o impacto da instituição religiosa na formação e no desenvolvimento da capital da América Portuguesa, procuramos separar os papéis da Igreja Católica e da Coroa portuguesa durante o período colonial (1500-1822)^b, apesar de estarmos conscientes da imbricação entre a Igreja e o Estado, devido ao caráter oficial da religião católica, e, sobretudo, da existência do regime do Padroado. Por outro lado, deve ser considerada também a mentalidade religiosa do período, que resultava em doações importantes por particulares, durante a vida e após a morte, para as construções de prédios e para a sustentação das instituições religiosas.

Destacamos neste texto, o papel da Igreja Secular, vinculada à Roma, em primeiro lugar; em segundo lugar, às ordens religiosas regulares, mais independentes e com vinculações com suas sedes específicas; e por último, as ordens leigas, que embora ligadas à religião católica, tinham vínculos ainda mais independentes e refletiam a organização hierárquica de uma sociedade colonial e escravista^c.

A Igreja Secular

A Igreja Católica no Brasil estava vinculada ao Estado através da instituição do Padroado, que foi estabelecido por várias bulas papais, que autorizavam “*uma série de direitos, privilégios e deveres, concedidos pelo papado à Coroa portuguesa, como patrono das missões católicas*”¹, através da Ordem de Cristo^d. Nas terras sob o regime do Padroado, a cobrança dos dízimos passou para a referida ordem, conseqüentemente para a Coroa portuguesa. Cabia, portanto ao Estado a responsabilidade de criar dioceses e paróquias, manter a Igreja nos seus domínios, inclusive construir e conservar os prédios religiosos, assim como sustentar o seu clero, através do pagamento das cômruas², ou seja, a remuneração dos sacerdotes pela Coroa.

A importância da Igreja Secular na estruturação do espaço em Salvador estava refletida na presença dos principais prédios religiosos na parte central da cidade colonial: a catedral e o palácio arquiépiscopal. As igrejas matrizes constituíam, em si, os principais prédios e núcleos originais das freguesias, que iam sendo implantadas em função do crescimento e da expansão da cidade. A divisão da cidade em paróquias e freguesias

*** TODAS AS NOTAS DE RODAPÉ SE ENCONTRAM NO FIM DO ARTIGO.**

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

teve continuidade, até o recentemente, nas divisões distritais do município.

O primeiro prédio ligado à Igreja Secular foi a capela da Ajuda, construída pelos jesuítas, em taipa e coberta de palha em 1549³, na parte central da cidade inicial. Com a criação do bispado por Bula Papal em 1551, e a chegada do primeiro bispo no ano seguinte, ela foi cedida ao referido bispo, passando a ser a primeira Sé do Brasil^e.

A catedral da Sé, principal prédio da cidade, foi iniciada em 1552^f pelo bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha⁴ e reconstruída em pedra em 1559⁵, com a fachada voltada para a baía de Todos os Santos. Em 1587 a igreja tinha três naves, embora ainda não estivesse acabada⁶. Em 1674 ordem real autorizou a doação de um conto de réis cada ano para as obras da igreja⁷. A catedral foi concluída em 1694⁸. Em 1770 o seu frontão foi demolido por ameaçar ruína⁹. Em 1785 o arcebispo informou que as duas torres também tinham sido derrubadas¹⁰. Várias irmandades funcionavam na catedral inclusive de negros e pardos¹¹. A catedral foi totalmente demolida em 1933, para permitir a passagens dos trilhos dos bondes da Companhia Circular¹², um dos maiores atentados ao patrimônio histórico brasileiro.

As primeiras paróquias, correspondentes aos dois núcleos iniciais de povoamento (Sé e Vitória), foram criadas em 1552¹³, embora a última fosse um núcleo separado no sul da cidade.

Bazin informou que no século XVII as obras paroquiais eram geradas por um Conselho de Fábrica e no século seguinte a gestão dessas obras passou para as irmandades do Santíssimo Sacramento frequentemente em conjunto com a irmandade do orago, ou seja, o santo titular da igreja¹⁴.

A capela de N. Senhora da Conceição da Praia, na Cidade Baixa, foi construída pelo primeiro governador, Tomé de Souza, em 1549¹⁵, sendo, portanto, o primeiro templo da cidade. Soares de Sousa, em livro de 1587, informou que a “*fraca*” ermida, era “*a primeira casa de oração*”¹⁶. Em 1623 ela foi transformada na primeira matriz da Cidade Baixa, com a criação da freguesia do mesmo nome¹⁷, quando foram instaladas as irmandades do Santíssimo Sacramento e a de N. Senhora da Conceição da Praia¹⁸. A referida capela foi demolida em 1736, sendo iniciada a construção da atual igreja da Conceição da Praia em 1739¹⁹, com a importação de pedras de Portugal²⁰. Carta Real em 1758 autorizou o pagamento de doze contos de reis a partir dos rendimentos dos dízimos para a continuidade das obras²¹. Em 1765 o prédio foi concluído²². Ele foi considerado por Bazin como um “*edifício português*”²³.

Na mesma freguesia foi fundada em 1711 a capela de São Pedro Gonçalves do Corpo Santo, pelo marinheiro espanhol Pedro Gonçalves, como pagamento de uma promessa²⁴. Nessa capela funcionou uma irmandade étnica africana.

A capela da Vitória teria sido fundada pelo Capitão Francisco de Barros, antes de 1552 quando foi elevada a matriz²⁵. Na freguesia da Vitória foi construída a igreja de Santo Antônio da Barra, que teria sido fundada entre 1593 e 1600²⁶. Posteriormente foi edificada a pequena capela de São Lázaro, que data da primeira metade do século XVIII²⁷. Em frente a essa capela são realizadas cerimônias vinculadas ao candomblé.

A freguesia de Santo Antônio, ao norte da Cidade Alta, só foi fundada em 1648²⁸. A capela original data de 1595. O prédio da matriz atual corresponde à terceira igreja, reconstruída em 1813²⁹. A pequena igreja de São Francisco de Paula, situada na mesma freguesia, teve sua construção iniciada no final do século XVIII pelo Padre Antonio Borges Medeiros. A referida igreja não foi concluída, não possuindo torres³⁰.

Em seguida foi implantada a freguesia de São Pedro em 1676, ao sul da Cidade Alta. A igreja matriz de São Pedro foi iniciada em 1675³¹ e concluída em 1738³². Ela contava com um magnífico portal. A igreja foi destruída no início do século XX para a abertura da avenida Sete de Setembro, juntamente com a igreja do Rosário da rua de João Pereira. Nessa freguesia foi construída a capela da Barroquinha. Sua edificação foi autorizada pelo Arcebispo em 1722 por solicitação da irmandade de N. S. da Barroquinha. A fachada foi concluída em

1723. O interior dessa igreja foi destruído por incêndio. Uma terceira, a igreja de Bom Jesus dos Aflitos, foi construída por um particular, Antonio Soares, sendo inaugurada em 1748³³.

A freguesia de Santana, situada a leste da Cidade Alta, foi criada em 1679. A construção da igreja matriz foi iniciativa da irmandade do Santíssimo Sacramento em 1744. Em 1753 Ordem Real autorizou a doação de 12.000 cruzados para a sua construção³⁴. A igreja de N. Senhora da Saúde e da Glória, na mesma paróquia, teve sua primeira pedra colocada em 1723 por iniciativa do Vice-Rei. A igreja referida foi concluída em 1726³⁵.

A igreja matriz de N. Senhora de Brotas, no extremo leste da cidade, foi fundada em 1714³⁶, quatro anos após a criação da freguesia.

A freguesia do Pilar, situada na Cidade Baixa, foi fundada em 1718, como desmembramento da de N. S. da Conceição da Praia. A sua matriz foi iniciada em apenas em 1739 e Ordem Real autorizou despesas no valor de 5.000 cruzados no período de três anos³⁷.

A igreja matriz do Santíssimo Sacramento da rua do Passo, que fica ao norte da freguesia da Sé, foi instituída após a criação da freguesia, em 1736, e recebeu subsídios reais no ano seguinte³⁸.

Na freguesia da Penha, criada em 1760 na península de Itapagipe, foi instituído em 1745 um santuário de peregrinos por

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

Teodozio Rodrigues de Faria, proprietário de tumbeiros³⁹. Posteriormente o santuário foi ampliado, resultando na famosa igreja do Senhor Bom Jesus do Bomfim. As torres só foram concluídas em 1772⁴⁰.

O Arcebispado^s só foi implantado em 1676⁴¹, e o Tribunal da Relação Eclesiástica foi estabelecido em 1678⁴². Deve ser destacado que a abrangência do Arcebispado da Bahia^h extrapolava o atual território brasileiro, pois os bispados de Angola e São Tomé, na África, estavam subordinados ao mesmo⁴³, até, pelo menos, 1811⁴⁴.

Em 1707, foi convocado o primeiro Sínodo Diocesano em Salvador, que estabeleceu as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* e que, pela primeira vez, deram um ordenamento às regras a serem observadas pelo clero local, inclusive sobre a forma de implantar os prédios religiosos. Esse documento é interessante, na medida em que foi elaborado para trazer as normas tridentinas, e adaptá-las à realidade escravista da América Portuguesa^a, como por exemplo, a “*Breve instrução dos mysterios da fé acomodada ao modo de fallar dos escravos do Brasil para serem cathequisados por ella*”⁴⁵. Instruções específicas foram dadas aos senhores para dar exemplo aos “*muitos neofitos, pretos, e bucaes, que cada dia se baptizam e convertem-se [...]*”, pois eles aprenderiam mais “*das exterioridades*” do que das palavras⁴⁶.

No Livro I, além das limitações específicas para os candidatos ao sacerdócio da penínsu-

la ibérica, foram adicionadas aquelas relativas à presença dos escravos africanos e seus descendentes. Quando trata, por exemplo, da ordenação dos sacerdotes, informações secretas deveriam ser realizadas para o exame “*da limpeza de sangue*”⁴⁷; com destaque dos impedimentos seguintes: ser filho ou neto de “*Infiés, Hereges, Judeos ou Mouros*”; “*se tem parte de nação Hebraea, ou de outra qualquer infecta; ou de Negro, ou Mulato*”^J; ou “*se é captivo [...] e sem licença do seu senhor se quer ordenar*”⁴⁸. Essa exigência era necessária até para empregar um simples sacristão: “*que se tome informação se tem limpeza de sangue [...]*”⁴⁹. Outra limitação para o sacerdócio era de ordem econômica: o candidato tinha de ter benefício eclesiástico, pensão ou patrimônio de pelo menos vinte e cinco mil réis, podendo ser patrimônio em “*bens de raiz, fóros, ou censos perpetuos*”⁵⁰.

O Livro IV é o mais importante, pois estabelece regras para fundar e edificar igrejas: “*em lugares decentes e acomodados [...], (a) Igreja Parochial [...] se edifique em sitio alto, e lugar decente, livre da humidade, e desviado, [...] de lugares immundos, e sordidos, e de casas particulares, e de outras paredes, em distancia que possam andar as Procissões ao redor dellas, e que se faça em tal proporção que [...] seja capaz [de acomodar] dos freguezes todos, mas ainda de mais gente de fóra [...]*”⁵¹. Define também à orientação da igreja: “*posto o Sacerdote no altar fique com o rosto no Oriente, e não poden-*

do ser, fique para o Meio dia, mas nunca para o Norte, nem para o Occidente, [...] e haverá no ambito, e circunferência dellas adros, e cemiterios [...]”. Informa também que as igrejas recebiam dotes de Sua Majestade no valor de seis mil reais cada⁵². Nas igrejas e respectivos adros não deveriam ser realizados nenhum tipo de comércio⁵³.

Finalmente, outro aspecto importante, na época, é que os delinqüentes católicos poderiam gozar de imunidade nas igrejas, bastando que os mesmos “se peguem aos ferrolhos das portas [...], ou se encostem a ellas, ou às paredes ou se recolhão debaixo dos alpendres [...]”⁵⁴, o que os protegeriam da justiça secular. Porém não gozavam de imunidade, o “Herege, Apostata, ou Seismático. Nem blasfemo, feiticeiro, benzedeiro, agoureiro, e sortilego [...], nem o ladrão publico salteador de estradas [...]”⁵⁵, nem o “Judeu, Mouro ou qualquer infiel [...]”⁵⁶, e, diante da realidade americana : “nem [...] o escravo (ainda que seja Christão) que fugir a seu senhor para se livrar do captiveiro”⁵⁷. Numa sociedade escravista essa tradição não poderia ser mantida, o que explica a adaptação dos documentos da Igreja a uma sociedade diferente da Metrópole.

No mesmo ano do Sínodo (1707) foi iniciada a construção do Palácio Arquiepiscopal⁵⁸, com três andares, contando com sete janelas na fachada nobre e nove de cada lado. Estava ligado à catedral da Sé por uma arcada e veio reforçar o papel da Igreja Secular na parte central da cidade. Em 1742 foi co-

meçada a construção da capela da Penha e da residência de verão do Arcebispo⁵⁹, em Itapagipe, Cidade Baixa de Salvador. Apenas em 1815, foi inaugurado o primeiro seminário da Arquidiocese, o de São Dâmaso⁶⁰, no atual bairro do Pelourinho, posterior, portanto, ao seminário dos jesuítas.

O clero secular inicial era problemático e foi criticado por Nóbrega, já em 1559, por “estarem clerigos e dignidades amancebados, com suas escravas [...]”⁶¹. Entretanto em 1584 já havia sacerdotes mestiços de índios⁶². Como as côngruas dos sacerdotes não eram elevadas alguns sacerdotes se dedicavam a outras atividades⁶³.

A Inquisição atuou três vezes em Salvador: entre 1591 e 1593 o primeiro inquisidor realizou a primeira visita. A segunda data de 1618. A “Grande Inquirição” foi realizada em 1646 quando foram denunciadas 118 pessoas⁶⁴.

Em 1764, o Arcebispo informou da dificuldade de encontrar padres capelães para servir nos navios que viajavam para a Costa da Mina⁶⁵, ou seja, nos tumbeiros. Entretanto em 1774, o Arcebispado recenseou o elevado número de 251 clérigos na cidade e nos subúrbios⁶⁶. No conjunto do Arcebispado, em 1795, o clero secular totalizava 505 membros, dos quais 204 estavam “inutilizados”, certamente idosos ou enfermos. A distribuição era a seguinte: 31 estavam lotados na catedral da Sé, 14 no Colegiado da Misericórdia, 12 no Colegiado de São Pedro, um no Hospital de São Lázaro, sete nos quatro con-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO - DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

ventos de religiosas e nos dois recolhimentos, quatro nas três ordens terceiras, dois em duas irmandades de pretos, e 192 nas 96 freguesias da Capitania, além de cinco capelães nos regimentos e fortalezas, dois capelães nas armações, e 31 sem colocação especial⁶⁷, o que mostra a diversidade de papéis do clero secular, na época.

Em 1612, os gastos com a Igreja eram de 5.443\$640⁶⁸, correspondentes a 29% do total das despesas da Capitania, volume importante, somente abaixo das despesas militares. O bispo recebia um ordenado de 1:100\$000, inferior apenas ao do governador (1:200\$000), enquanto o deão da Sé ganhava apenas 100\$000 réis⁶⁹.

As relações entre a Igreja Secular e as ordens regulares não eram sempre harmoniosas. Houve várias divergências, como por exemplo, o conflito entre o primeiro bispo e os jesuítas, pois o bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha só admitia a missão apostólica para os colonos europeus, enquanto os jesuítas tinham a intenção de converter os indígenas⁷⁰. A Constituição do Arcebispado também tentava impor regras de obediência dos sacerdotes regulares às normas implantadas.

As Ordens regulares

As ordens regulares tiveram um papel central na estruturação da cidade colonial: os conventos e mosteiros consolidaram a cidade inicial com suas construções intramuros, e foram fundamentais para a expansão da cidade nas direções

norte e sul, e posteriormente, na direção leste da cidade, na medida em que Salvador passou a ter uma forma radio concêntrica. Os estabelecimentos principais construídos pelos jesuítas e franciscanos foram importantes para consolidar a primeira cidade “intramuros” de Salvador. Os jesuítas ficaram no lado oeste da Cidade Alta, enquanto os franciscanos se instalaram no outro extremo, no leste da cidade.

A Companhia de Jesus, a principal ordem regular, desde o início contou com o apoio da Coroa. Os primeiros jesuítas vieram com o fundador da cidade, Tomé de Souza, que concedeu as primeiras sesmarias à ordem⁷¹.

Em 1553 a Província do Brasil foi instalada⁷². Em 1565 a Coroa assumiu a manutenção da companhia que, posteriormente, passou a ser paga por redízimos de açúcar⁷³, isto é, a décima parte de todos os dízimos. Em 1598, a renda recebida de El-Rey era de 3.000 cruzados, complementada pelo arrendamento de prédios e terrenos, que alcançavam 2.000 cruzados⁷⁴.

Os jesuítas construíram as primeiras capelas, estabeleceram as primeiras missões junto aos ameríndios e fundaram as primeiras irmandades. Em 1601, começaram a plantar canaviais, com a utilização de trabalho escravo⁷⁵.

Em Salvador os jesuítas implantaram seus principais estabelecimentos na Cidade Alta, em frente à baía de Todos os Santos, ficando a igreja atual voltada para o Terreiro de Je-

sus, a principal praça da cidade. Essa implantação atraiu o crescimento da cidade inicial em sua direção.

A primeira igreja, da época de Nóbrega era de taipa, e durou até 1553. A segunda começou a ser construída nessa data, e já estava arruinada em 1564⁷⁶. Os jesuítas contaram com a ajuda do governador Mem de Sá^k, que construiu, em pedra, a terceira igreja aos seus custos⁷⁷, entre 1561 e 1585, em frente ao Terreiro⁷⁸. A igreja atual foi construída entre 1657 e 1672, em estilo renascentista⁷⁹. As pedras da fachada foram importadas de Portugal⁸⁰. Para a construção das capelas, os jesuítas receberam doações de fiéis. A capela mor foi custeada pelo Capitão Francisco Goes de Araujo⁸¹ e a capela de São Francisco de Borgia por Manoel Pereira Pinto e sua esposa Antonia de Gois, que para tanto doaram uma fazenda em Iguape, equivalente a 50 mil cruzados⁸².

O primeiro colégio para meninos foi iniciado em meados de 1550 e já estava concluído em 1551⁸³. Em 1556 foi sucedido pelo Colégio de Jesus que incluía o ensino secundário⁸⁴. Em 1585, viviam 60 irmãos no colégio, além de 150 pessoas “*de serviço, entre escravos e escravas de Guiné, e alguns Índios e Índias da terra, escravos e livres [...]*”⁸⁵. Soares de Sousa informou em 1587, que o colégio dos jesuítas, já contando com 80 religiosos, tinha cercas que iam até o mar (a baía) e umas terracenas (armazéns) para recolhimento dos embarques externos⁸⁶. O pátio do Colégio e o pátio dos Estu-

dos Gerais foram reconstruídos entre 1694 e 1701⁸⁷. Em 1759 os jesuítas possuíam um efetivo de 193 religiosos vivendo na cidade⁸⁸.

Outros prédios da ordem estavam localizados em várias partes da cidade. Em 1572 os jesuítas receberam a capela de N. Senhora da Escada do construtor da mesma, Lázaro Arévalo⁸⁹, situada em freguesia rural ao norte de Salvador. No final do século XVI os jesuítas construíram sua casa de repouso, a Quinta do Tanque⁹⁰, reconstruída entre 1688 e 1691⁹¹, na direção norte da cidade. Na Cidade Baixa, o Noviciado teve sua construção iniciada em 1704, custeada por Afonso Sertão, que deixou 39 fazendas de gado para a ordem. O prédio foi inaugurado em 1728 e a sua igreja em 1732⁹². Os jesuítas construíram também edifícios para fins comerciais em 1714, conhecidos como “Cobertos Grandes”, na Cidade Baixa, junto ao guindaste próprio. Também estabeleceram um cais exclusivo, em 1737. O seu seminário foi fundado no Maciel, em 1756⁹³, em prédio construído entre 1690 e 1701⁹⁴. Em 1757 um benfeitor deu várias casas à ordem com a obrigação de iniciar os Exercícios a Santo Inácio, o que resultou na construção da Casa de Orações dos Jesuítas⁹⁵ na Cidade Alta.

Com a abolição da ordem, em 1759, seus bens foram confiscados. Em Salvador, a ordem possuía 186 edifícios⁹⁶. Amaral listou 74 sobrados e 90 casas, sendo que a maioria estava localizada nas freguesias centrais: 61 na do Passo, 57 na da

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO - DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

Sé, 40 na da Conceição da Praia e seis nas demais freguesias. Os prédios em Salvador foram avaliados em 190.886\$000 réis, e davam um rendimento de 15.840\$000 réis⁹⁷. Os bens dos jesuítas na Bahia e em Sergipe foram arrematados por 547:896\$005 réis⁹⁸. A ordem teve 124 membros presos em Salvador e enviados a Portugal em 1760⁹⁹. A igreja dos jesuítas foi transformada em catedral, por Carta Régia de 1765¹⁰⁰, tendo em vista o estado da antiga igreja da Sé. O colégio dos Jesuítas foi transformado em Hospital Militar em 1759¹⁰¹. Em 1801 foram demolidos os edifícios das escolas¹⁰². Em 1808 a Escola Médico-Cirúrgica, primeiro estabelecimento de ensino superior no Brasil, foi inaugurada no mesmo local¹⁰³, transformada posteriormente na Faculdade de Medicina. A antiga Quinta dos Jesuítas foi transformada em Hospital dos Lázarus, inaugurado em 1787¹⁰⁴.

Os franciscanos se estabeleceram primeiro em Pernambuco, em 1585¹⁰⁵. Foi solicitado aos franciscanos, pelo bispo e pela Câmara de Salvador, que fundassem um convento na cidade¹⁰⁶, tendo eles recebido autorização em 1587¹⁰⁷. Os franciscanos transferiram a sede de sua Província de Olinda para Salvador em 1691.

O bispo doou o terreno inicial em 1587 quando foi iniciada a obra¹⁰⁸. Outros terrenos foram comprados pelos franciscanos em 1589, seguido pela compra de mais terrenos em 1622¹⁰⁹. O convento inicial e sua primeira igreja foram construídos no extremo leste da ci-

dade, tendo sido concluídos em 1596, no mesmo eixo da atual igreja dos jesuítas. Em 1630 os franciscanos instituíram cursos de filosofia e teologia¹¹⁰. O atual convento foi iniciado em 1686¹¹¹. Ele corresponde a uma verdadeira fortaleza, contando com 41 janelas na sua parte de trás. A atual igreja de São Francisco foi construída entre 1708 e 1720, voltada para o poente. A magnífica decoração interior, em talha dourada, foi realizada entre 1730 a 1790¹¹². Em 1731 os frades solicitaram autorização para pedir esmolas nas Minas¹¹³, o que, certamente, permitiu a magnífica decoração interna de sua igreja¹. O especialista Germain Bazin considerou a fachada da igreja como “*um dos mais grandiosos pedaços [morceaux] da Arquitetura no Brasil*”¹¹⁴.

Em 1710 a capela de Boa Viagem, em Itapagipe, foi doada a essa ordem por D. Lourenço Maria¹¹⁵ e o hospício da Boa Viagem foi construído em 1712¹¹⁶.

Os franciscanos contavam com 45 religiosos em 1759¹¹⁷, passando para 67 em 1775¹¹⁸, caindo ainda para 56 em 1797¹¹⁹. Já em 1720 um homem pardo, filho de uma ex-escrava, conseguiu lançar hábito e cordão e ser donato do convento¹²⁰. Embora tivessem feito voto de pobreza, em 1774 o arcebispo denunciou que franciscanos possuíam “*cada hum seu escravo particular, e alguns dois [...]*”¹²¹ e, em 1776, que os franciscanos “*eram os mais ricos e mais soberbos [...]*”¹²². As instruções de Mello e Castro, Ministro da Marinha e Ul-

tramar, em 1779, a partir de correspondência do arcebispo, informaram também que os franciscanos “*trazem 10 até 12 frades por fóra a pedir [...] e o seu armazem he o do maior negociante [...]*” e propôs “*extinguir os armazens e desterrar o sordido commercio dos ditos Franciscanos[...]*”¹²³. De fato, desde 1736 a ordem mendicante já tinha recebido fazendas e escravos em Parnamerim, no Recôncavo baiano¹²⁴.

Os beneditinos, os carmelitas descalços, os capuchinhos, as ursulinas e outras pequenas ordens foram responsáveis, em grande parte, pela expansão da cidade fora dos muros, em direção ao **sul**.

Em 1580 os beneditinos receberam terras de particulares para a construção de seu mosteiro¹²⁵. Os membros da Câmara tentaram impedir a fundação do mosteiro de São Sebastião em 1581¹²⁶, mas eles receberam autorização para a construção extramuros em 1584¹²⁷, na expansão inicial para o sul da cidade. Foi o primeiro mosteiro beneditino fundado nas Américas¹²⁸. Em 1587 o estabelecimento contava com 20 religiosos, com cerca e horta e era muito pobre segundo depoimento do contemporâneo Gabriel Soares de Sousa¹²⁹. Em mapa de 1638 a igreja aparece voltada para a baía de Todos os Santos¹³⁰. Os beneditinos deram início à construção do seu atual mosteiro em 1648¹³¹ e se separaram das suas autoridades portuguesas, em 1671¹³². A parte principal da atual igreja ficou pronta em 1690¹³³, mas a capela-mor só foi concluída em

1804¹³⁴.

Os beneditinos começaram a receber importantes doações de terras na cidade: em 1584, as terras que vão da orla da baía até aos Barris (ao leste) e ao Campo Grande (ao sul) pelo referido Soares de Sousa¹³⁵. Em 1586 Catherina Alvarez Caramuru^m doou a capela da Graça e terrenos no seu entorno¹³⁶. Um pequeno mosteiro foi construído no século XVII e a igreja foi reconstruída em 1770¹³⁷. Em 1587 os beneditinos receberam mais terras no atual bairro dos Barris. A capela de Monte Serrat, em Itapagipe foi doada aos monges por Garcia d’Ávila em 1609. A igreja foi construída na segunda metade do século XVII. O pequeno mosteiro anexo foi construído a partir de 1679¹³⁸. Também em 1609 parte das terras da fazenda São Francisco, na orla Atlântica, foram trocadas amigavelmente com a Misericórdia em 1614¹³⁹. Os beneditinos receberam também fazendas no Recôncavo, com escravaria, como a que Soares de Sousa deixou em 1592. Os beneditinos ainda receberam a igreja de São Gonçalo do Amaranteⁿ, no Rio Vermelho, e instalaram dois engenhos no Recôncavo¹⁴⁰. Essas terras foireiras ao mosteiro, junto com as propriedades urbanas, mantiveram os religiosos até o momento atual.

Os beneditinos tiveram seus efetivos diminuídos de 85 religiosos, em 1759¹⁴¹, para 35 em 1775¹⁴². Em 1797, passaram para 46. Eles viviam dos seguintes rendimentos em 1797: de 95 moradas de casa, rendendo 1:800\$000 réis por ano; de



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO - DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

terras que rendiam 2:030\$000 de foros por ano; e dos dois engenhos de açúcar, rendendo 2:930\$000 por ano. No total, tinham um rendimento de 8:127\$600 réis¹⁴³.

Os carmelitas descalços da Reforma de Santa Teresa chegaram em 1665, e começaram a construir seu convento, no mesmo ano e o prédio foi concluído em 1670, tendo a igreja consagrada em 1697¹⁴⁴. Esse convento, próximo ao mosteiro dos beneditinos, levou ao desenvolvimento da extensão sul da cidade, na proximidade da orla da baía. Os carmelitas descalços em 1759 contavam com um contingente de 24 frades¹⁴⁵ e em 1797 passaram para 37. Eles viviam de empréstimos e do aluguel de imóveis: tinham um total 11:437\$000 réis, e eram credores de 6:837\$270 réis, recebendo 509\$986 réis de juros anuais, além de 1:140\$000 réis do rendimento das casas¹⁴⁶. Sendo uma ordem eminentemente portuguesa, foram expulsos depois da guerra da independência na Bahia em 1823. O convento foi transformado em Museu de Arte Sacra em 1959.

Os capuchinhos franceses vieram em seguida, em 1679. Receberam um terreno na Piedade, por ordem do príncipe regente ao governador, porém o número de frades foi limitado a oito, para dar apoio as missões na África¹⁴⁷, onde construíram um pequeno hospício (casa de repouso), em 1680¹⁴⁸. Em 1684, o Senado da Câmara enviou correspondência à sua Majestade, acautelando contra a vinda dos capuchinhos

franceses, para que os “*Indios não tenham comonicação com Estrangeiros, e principalmente com setentrionaes*”, que seriam “*coriozamente Cosmogrephos e Geographos*” [!], podendo enviar informações sobre a Colônia¹⁴⁹. Os suspeitos capuchinhos franceses foram, em seguida, substituídos pelos italianos, em 1705. A Prefeitura da ordem na Bahia foi criada em 1712¹⁵⁰. Os capuchinhos da Piedade passaram de 24 religiosos, em 1759¹⁵¹, para apenas sete, em 1775¹⁵² e oito, em 1797, vivendo de esmolas¹⁵³. O hospício dos capuchinhos servia também de adaptação aos trópicos para aqueles que seriam enviados como missionários na África.

Os Hospitalares de Jerusalém fundaram seu pequeno hospício em 1724¹⁵⁴, perto do atual Largo Dois de Julho, na freguesia de São Pedro, causando pequeno impacto na cidade. O seu efetivo era de apenas quatro religiosos em 1759¹⁵⁵.

O convento das Mercês, das freiras ursulinas, foi resultado da iniciativa de Úrsula Luísa de Monserrate, herdeira do grande sertanista Coronel Pedro Barbosa Leal, que fundou o convento em 1735 para “*mulheres nobres daquela Cidade*”¹⁵⁶, perto do forte de São Pedro. As Ursulinas eram 50 religiosas nas Mercês, em 1797, que dispunham de 35 celas. Elas viviam das cõngruas anuais, num total de 2:200\$000 réis, mais 1:061\$310 réis dos rendimentos de 40 moradas de casa e de 923\$420 réis de juros emprestados a 5% ao ano sobre um to-

tal de 18:469\$310 réis¹⁵⁷.

Apesar de representação de dois vereadores em 1755 contra a autorização dada aos padres da Congregação de São Felipe Neri¹⁵⁸, no ano seguinte a congregação foi fundada com sede na Preguiça¹⁵⁹. Essa ordem que contava com apenas quatro sacerdotes¹⁶⁰ instalou um imponente trapiche na Cidade Baixa, registrado por Caldas, em 1759. A Congregação, também conhecida como do Oratório, tinha apenas três religiosos e um leigo vivendo no hospício em 1797, e recebiam 600\$000 réis do rendimento do trapiche e de algumas casas de aluguel¹⁶¹.

O convento dos carmelitas seguido pelos de outras freiras ursulinas e pela abertura de recolhimentos, foram responsáveis pelo desenvolvimento inicial da parte **norte** da cidade, fora dos muros.

A Ordem do Carmo fundou seu primeiro convento em Pernambuco, em 1584¹⁶². Em Salvador os carmelitas instalaram seu convento em 1585¹⁶³, nas terras doadas por particulares em 1580, no Monte Calvário¹⁶⁴. Eles receberam doação de Luiza de Goes em 1635¹⁶⁵ e de terras em Sergipe do Coronel Pedro Barbosa Leal e sua esposa em 1721¹⁶⁶.

Esse convento atraiu o desenvolvimento da cidade em direção norte. A atual igreja do convento foi construída entre 1709 e 1720¹⁶⁷. Na sua conclusão, o convento tinha mais de 100 metros de envergadura e contava com dois claustros. Em 1722 funcionava no convento a irmandade de N. Senhora da Boa Morte, que elegia um Juiz

entre as mulheres nobres¹⁶⁸.

Em 1626 os Carmelitas solicitaram sesmarias na Cidade Baixa para instalar o seu guindaste¹⁶⁹ e em 1701 também solicitaram autorização para implantar o seu hospício no Pilar¹⁷⁰.

Os Carmelitas eram 96 sacerdotes em 1759¹⁷¹ e 85 em 1764. A ordem tinha nesse ano residências nas Pedreiras, Santa Luzia (Cidade Baixa), São Brás (Subúrbios) e Itapuã. Para sua manutenção, o mosteiro era proprietário de 59 moradas de casa, que rendiam 1:731\$600 réis, além de mais oito moradas de casa, que rendiam 223\$600 réis à igreja do convento; assim como de terrenos nas freguesias da Sé, Conceição da Praia, Pilar, Santana, Santo Antônio (e Paramirim), rendendo 768\$600 réis. Possuíam também 28 currais de gado no sertão; um engenho de açúcar, rendendo 12\$000 réis; um alambique de aguardente, rendendo 260\$000 réis; duas fazendas de cana; e mais 45\$000 réis do “*ordenado de Sua Majestade*”, totalizando 8:595\$120 réis, em 1797¹⁷².

Desde 1776, o arcebispo também criticava os carmelitas, informando que eles tinham “*suas fazendas próprias [...] são os mais relaxados, [...] vivem dispersos [...] e não no convento*”¹⁷³.

Durante a guerra da independência em 1821 o convento do Carmo foi transformado em quartel para Legião Lusitana¹⁷⁴. Parte do convento foi transformado em pousada e atualmente em um hotel de luxo.

O Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões foi fun-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

dado em 1729, pela iniciativa dos irmãos Domingos do Rosário e Francisco das Chagas, para abrigar senhoras devotas, inclusive a irmã deles, Antônia de Jesus¹⁷⁵. Foi administrado pelas beatas franciscanas¹⁷⁶, na rua dos Perdões, freguesia de Santo Antônio. Em 1759 abrigava 35 mulheres¹⁷⁷. O recolhimento tinha 28 prédios e terrenos em Brotas para seu sustento, que ficaram conhecidos como “Quinta das Beatas”¹⁷⁸.

O recolhimento da Soledade, construído para abrigar “mulheres perdidas”, foi iniciado em 1739¹⁷⁹. O convento da Soledade foi instalado nesse recolhimento, cuja posse foi tomada pelas freiras ursulinas em 1751¹⁸⁰. O conjunto é formado por igreja, claustro e convento, com mirante de quatro andares, e correspondia ao final da área contínua da cidade, em direção ao norte. As ursulinas da Soledade, que totalizavam um efetivo de 39 freiras em 1797, viviam das côngruas num total de 1:600\$000 réis, de 544\$561 réis de juros de empréstimos a 5% ao ano sobre um total de 10:950\$250 réis, assim como de 14 moradas de casa, que rendiam 637\$960 réis, de cinco fazendas de gado e uma fazenda de mandioca, que rendiam 900\$000 réis¹⁸¹.

A parte leste da cidade, na segunda cumeada, teve seu desenvolvimento inicial a partir da ocupação da área pelas franciscanas clarissas, pelos agostinianos descalços e pelas franciscanas concepcionistas da Lapa.

Desde 1644 que os membros da Câmara de Salvador solici-

tavam a construção de um convento feminino na cidade¹⁸². De fato, o primeiro convento feminino do Brasil foi iniciado em 1665 no Desterro, leste da cidade, e foi fundado em 1677 pelas irmãs franciscanas clarissas portuguesas, com financiamento dos senhores de engenho, para hospedar suas filhas, que antes eram enviadas a Portugal¹⁸³. A igreja do Desterro tinha sido iniciada em 1627, com esmolas dos fiéis¹⁸⁴ e subvenções da Câmara¹⁸⁵. Em 1681 o convento recebeu grande doação de uma particular. O convento, de grande porte, foi concluído em 1726, contendo um total de 132 celas¹⁸⁶. Era a principal edificação de porte na primeira cumeada na parte leste da cidade.

Os dotes das freiras de véu preto foram limitados a 600 mil réis em 1669. Os dotes subiram para 1:000\$000 réis em 1726 e chegaram a alcançar a elevada quantia de 2:000\$000 réis¹⁸⁷.

As franciscanas do Desterro passaram de 65 freiras em 1759¹⁸⁸ a 81, em 1775. Viviam no convento 40 servas forras, oito escravos da comunidade e 290 escravas particulares das freiras¹⁸⁹.

Em Carta Pastoral de 1764, o Arcebispo proibiu o uso do ouro, prata e diamantes pelas religiosas desse convento, assim como a existência de lojas de vendas nas clausuras. Criticou o toucado “*descomposto e indicente*” das freiras, os cabelos tingidos das freiras mais velhas, o uso de meias de seda com fivelas de ouro cravadas de diamantes e a maneira de vestir e ornar as servas [pretas] que

passavam de cadeiras pelas ruas¹⁹⁰.

Por outro lado, o convento do Desterro tinha elevados recursos: em 1756, já possuía 75 moradas de casa que rendiam anualmente 1:342\$650 réis, assim como a enorme quantidade de 127:819\$407 réis, que, a juros de 5% ao ano, rendiam 6:390\$970 réis. Na década de 1790, o convento tinha hipotecas sobre 20 engenhos¹⁹¹. Era, portanto, a ordem mais rica de Salvador, depois da expulsão dos jesuítas.

Os agostinianos descalços chegaram em 1693. A capela da Palma, situada na primeira cumeada a leste da cidade, foi construída por voto do Alferes Bernardino de Cruz Arraes em 1630 e foi concluído em 1670¹⁹². A capela foi doada a ordem em 1693, quando da fundação de seu hospício¹⁹³. O hospício teve como objetivo original recolher os missionários em viagem para as ilhas africanas de São Tomé¹⁹⁴. Os frades do Hospício da Palma eram seis em 1759¹⁹⁵ e apenas cinco, em 1797 e viviam de esmolas¹⁹⁶. Desde 1778, seu hospício tinha sido transformado em hospital militar¹⁹⁷. Após essa data a igreja e o hospício foram reedificados¹⁹⁸.

O convento da Lapa, das franciscanas concepcionistas^o, foi fundado em 1733, construído com recursos de João de Miranda Ribeiro e Manuel de Antunes Lirio¹⁹⁹, entre 1734 e 1744²⁰⁰. Em 1753 Ordem Real autorizou as freiras a ocuparem o convento²⁰¹. O referido convento contava com apenas 34 celas²⁰², na atual avenida Joana

Angélica. Com uma fachada de 170 metros e contando com um sólido mirante de quatro andares, veio consolidar a ocupação do leste da freguesia de São Pedro.

As 21 religiosas do convento da Lapa viviam das cômputas vitalícias anuais, totalizando 2:100\$000 réis, e de três moradas de casa. Elas estavam endividadas, em 1797, devido à construção de sua nova igreja, que custou 23:000\$000 réis²⁰³.

O Recolhimento de São Raimundo foi fundado por Raimundo Maciel Soares, que legou todos seus bens para essa instituição, destinada a recolher doze mulheres “arrepentidas”²⁰⁴. Foi fundado em 1753²⁰⁵, na rua Direita da Piedade, na mesma freguesia.

As críticas sobre o clero regular também foram numerosas: já em 1581 os membros da Câmara tentaram impedir a fundação do mosteiro beneditino²⁰⁶. Em 1657, os vereadores queixavam-se de que as ordens religiosas se recusavam a contribuir para as despesas da defesa da cidade²⁰⁷. Em 1673 os membros da Câmara escreviam a sua Alteza, incluindo também o clero secular:

Sobre não pagarem. Frades e Clerigos a contribuição, Nesta Cidade da Bahia [...] possuem as Religioens da Companhia de Jesus Carmo e SamBento muitas Propriedades de Cazas Fazendas e Engenhos de Asucar e outras Sortes da mesma forma os Clérigos Ecclesiasticos [...] de maneira que por compra e herança elegados estejam as Religioes e Clerigos muita parte das Fazendas desta Cidade [...] por seus Privilegios e humanidades não pagam nem concorrem nas fintas e lançamentos que este povo paga todos os anos por Serviços de Vossa Alteza²⁰⁸.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO - DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

Em 1684, o Senado da Câmara enviou correspondência informando do andamento das obras dos conventos dos Carmelitas Descalços, das freiras de Santa Clara, do Hospício dos Capuchinhos e da Catedral, todas à “*custa de esmollas*”²⁰⁹. Já foi informado que em 1755 dois vereadores elaboraram representação protestando contra a autorização dada aos padres da Congregação de São Felipe Nery para se instalarem, considerando que a cidade já tinha 12 comunidades religiosas e apenas quatro viviam de suas rendas, e concluíram que “*toda essa multidão de gente conventual he não só inutil à cidade mas oneroza [...]*”²¹⁰. As instruções de Martinho de Mello e Castro, de 1779, também criticavam o clero regular: “*abundada em frades, vivendo em casas próprias ou alugadas*”, no lugar de viver nos conventos²¹¹.

Caldas, em 1759, nos deu uma primeira visão quantitativa do clero regular de Salvador: era composto por 481 religiosos²¹², número que caiu para 228, em 1775. Os dados disponíveis para 1775 nos trazem um fato novo: o registro dos escravos e servas dos conventos. Esses dados nos mostram uma Igreja inserida no escravismo: aos 419 religiosos de Salvador, 83 recolhidas, 32 hóspedes (papel de hotel) correspondiam 102 servas livres, 342 escravos comunitários e 541 escravos de propriedade privada dos religiosos, e mesmo as ordens mendicantes, como a dos franciscanos, tinham escravos, porém não eram de propriedade particular

dos religiosos. O caso mais grave era o do convento do Desterro, no qual as 81 religiosas dispunham de 40 servas forras, oito escravos da comunidade e 290 escravas particulares (!)²¹³. Em 1779, as 75 religiosas também foram criticadas por M. Mello e Castro, por terem cerca de 400 escravas e criadas no referido convento²¹⁴.

As ordens regulares chegaram a contar com a propriedade de mais de 400 imóveis em meados do século XVIII em Salvador²¹⁵, mas foram enfraquecidas pela expulsão dos jesuítas em 1759, e pelo fechamento dos noviciados, ordenado por Pombal, em 1764²¹⁶, embora as demais ordens ainda contassem com importante patrimônio. Além do rendimento das propriedades as ordens religiosas tinham funções complementares de hospedagem, e, sobretudo, de crédito, conforme o registro, entre outros, de 20 engenhos endividados junto ao convento do Desterro.

Ordens leigas

As principais ordens leigas, vinculadas à Igreja Católica, foram implantadas logo após a fundação da cidade e assumiram vários aspectos que, posteriormente, ficaram a cargo do Estado. Elas se tornaram espaços de sociabilidade, permitindo o agrupamento de indivíduos com os mesmos interesses, numa sociedade que já nascia bastante estratificada.

As irmandades constituíam segundo Azzi “*uma forma de sobrevivência na esfera religiosa das antigas corporações de artes e ofícios. As ordens*

*terceiras são associações que se vinculam às tradicionais ordens religiosas medievais*²¹⁷. A aprovação dos estatutos ou compromissos das irmandades no Brasil era de competência dos reis de Portugal²¹⁸.

A Misericórdia, as ordens terceiras de São Francisco e de São Domingos, e a irmandade de São Pedro dos Clérigos estavam situadas no coração da cidade colonial. As de maior prestígio eram exclusivas para brancos, com restrições à entrada de irmãos com antecedentes mouros, judeus ou africanos, e exigiam o pagamento de elevadas joias para entrada nas mesmas além das anuidades.

A irmandade da Santa Casa da Misericórdia foi fundada em 1550. Importante instituição de caridade leiga em todo o Império português, a irmandade implantou o primeiro hospital da cidade (1550), possuía recolhimento para mulheres, cuidava dos funerais (inclusive de escravos), dava assistência aos prisioneiros, abrigava as crianças abandonadas e ajudava nos dotes para casamentos de moças pobres²¹⁹. Em 1618 a irmandade já realizava a Procissão de Fogaréus, na Quinta-Feira Santa²²⁰.

A primeira igreja foi construída entre 1550 e 1555 na rua da Misericórdia, que fazia a ligação da Praça do Palácio à igreja da Sé. Ela teria durado até 1567²²¹. A igreja atual foi construída entre 1653 e 1659²²². A torre só foi terminada em 1728²²³.

O governador geral Mem de Sá deixou um terço de seus bens para a irmandade²²⁴. Ela

também recebeu vultosa herança deixada pelo financista João Mattos de Aguiar, em 1700, para a construção de seu recolhimento²²⁵, que foi construído entre 1705 e 1716²²⁶. Ele abrigava 50 mulheres em 1759²²⁷. Em 1726 a irmandade fundou a Roda de Expostos para receber crianças abandonadas²²⁸. Irmandade de muito prestígio, exclusivamente masculina, entre seus provedores contou, no período, com vários governadores, com um bispo, com grandes proprietários de terra e com um importante financista²²⁹.

Em 1609, a Misericórdia recebeu parte da fazenda São Francisco, de Garcia d'Avilla e de sua esposa, na orla atlântica. Em 1614 a irmandade trocou essas terras, por terrenos dos beneditinos na ponta de Itapagipe²³⁰. Em 1722 a Misericórdia era herdeira do Santuário de N. Senhora da Luz, na Pituba²³¹. Após a expulsão dos jesuítas a Santa Casa arrematou os terrenos que pertenciam a ordem e que iam desde a atual rua Portugal até o local do prédio da atual Associação Comercial, na Cidade Baixa²³². Era a instituição que mais emprestava dinheiro no período²³³. A Misericórdia, para a manutenção de suas atividades possuía, em 1799, 60 casas, além de 50 outras propriedades e oito fazendas²³⁴. Em 1845, após o período colonial, a irmandade tinha o elevado número de 193 casas em Salvador²³⁵.

A primeira Ordem Terceira^P de Salvador, a de São Francisco, foi fundada em 1635, numa capela do convento de São Francisco²³⁶. A Ordem Tercei-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

ra de São Francisco também era bem-conceituada: entre seus membros, no período, ela contou com os governadores, proprietários de terras, financista, assim como importantes comerciantes²³⁷, um dos quais deu início a construção da igreja²³⁸. A igreja da Ordem Terceira, com sua fachada trabalhada como uma talha na pedra, junto ao convento, foi edificada entre 1702 e 1703²³⁹. A ordem recebeu em 1744, a capela de São Miguel, situada nas suas proximidades, concluída em 1732 pelo irmão Francisco G. do Rego²⁴⁰.

A partir de 1649 essa ordem deu início a importante procissão das cinzas²⁴¹. Em 1758 a procissão contava com o elevado número de 20 andores, num gasto de quatro mil cruzados²⁴², o que corresponderia a 1:600\$000 réis²⁴³. O frade Jaboação informou também que os irmãos pagavam um “anual” de 1\$280 réis em 1758²⁴⁴. Em 1759 a ordem contava com cerca de 250 irmãos²⁴⁵ e entre 1761 e 1770, segundo Martinez, a ordem registrava 233 membros, dos quais 127 moravam na Cidade Baixa²⁴⁶. Russell-Wood, porém, contabilizou 611 irmãos no período de 1754 a 1768²⁴⁷. Seu patrimônio imobiliário era enorme. Em 1758 ele se elevava a 110 contos de réis. Em 1853, depois do período colonial a ordem possuía 104 propriedades, dos quais 59 estavam na freguesia da Sé²⁴⁸.

A Ordem Terceira de São Domingos implantou-se em 1723²⁴⁹, por iniciativa do frade Gabriel Batista²⁵⁰ apesar da

inexistência de convento dominicano em Salvador⁴. Inicialmente instalou-se no Mosteiro de São Bento e no Hospício da Lapa, tendo iniciada a construção da igreja própria em 1731²⁵¹, no lado nascente do Terreiro de Jesus. Em 1737 a ordem tinha cerca de 500 membros²⁵², porém Caldas mencionou apenas 150 membros em 1759²⁵³. Em 1781 a ordem gastou a elevada quantia de 2:317\$861 réis para a realização da Procissão do Triunfo²⁵⁴, o que demonstra a importância das atividades religiosas no período.

Essa ordem também adquiriu nove sobrados, entre 1745 e 1761. Em 1853 ela tinha 12 sobrados, sendo 11 na freguesia da Sé²⁵⁵.

A irmandade de São Pedro dos Clérigos, do clero secular, teve a construção de sua igreja autorizada em 1708²⁵⁶, junto ao Palácio Arquiepiscopal. Ela recebeu subsídio real em 1741 para reconstruir a fachada e torres que estavam em ruínas²⁵⁷. Porém em 1797 ocorreu o desmoronamento dessa igreja²⁵⁸. O prédio atual foi construído junto ao Terreiro de Jesus, tendo sido concluído em 1887²⁵⁹.

A Ordem Terceira do Carmo está localizada no eixo norte da cidade, ao lado do convento do Carmo. A ordem foi estabelecida em 1636 no referido convento. A construção da igreja da ordem foi iniciada em 1644²⁶⁰. O prédio da igreja foi ampliado entre 1709 e 1716²⁶¹, porém sofreu incêndio em 1788²⁶². Tendo recebido importante doação do prior da ordem, Coronel Inocêncio da Costa²⁶³, a igreja

foi rapidamente reconstruída: estava inaugurada em 1803²⁶⁴, mas a fachada só foi concluída em 1860²⁶⁵.

Entre 1636 e 1647, essa ordem de grande prestígio, contava com 166 membros, dos quais 63 residiam na área rural²⁶⁶. Caldas, em 1759, informou que a ordem tinha cerca de 200 membros²⁶⁷. No período de 1768 e 1788, Russel-Wood registrou 594 membros, passando para 528 no período de 1788 a 1822²⁶⁸. Esta ordem elitista, porém, aceitou um pardo como membro em 1766 mediante uma doação de 10 mil réis²⁶⁹. A ordem era responsável pela procissão do Enterro do Senhor (ou do Senhor Morto) na Sexta-Feira Santa²⁷⁰. A Ordem Terceira do Carmo também adquiriu 31 propriedades, entre 1732 e 1762, 15 das quais pertenceram aos jesuítas. Em 1768 os terceiros mandaram construir 12 casas novas no bairro da Saúde²⁷¹. Em 1853 a ordem tinha um total de 97 propriedades, dos quais 29 estavam na freguesia do Passo da qual ela fazia parte²⁷².

Na Cidade Baixa estavam localizadas a Ordem Terceira da Santíssima Trindade assim como a irmandade da Conceição da Praia, na matriz da referida freguesia.

A Ordem Terceira da Santíssima Trindade da Redenção dos Cativos, no Pilar, teve a construção de sua igreja iniciada em 1779²⁷³. Em 1807 ela contava com apenas 36 irmãos²⁷⁴. Essa ordem estava voltada a redenção dos cativos cristãos no norte da África, não interferindo no escravismo no Brasil.

A irmandade de N. Senhora da Conceição da Praia também tinha grande prestígio, tendo tido entre seus juizes proprietários de terra e comerciantes²⁷⁵. A construção da atual igreja matriz foi iniciada em 1739²⁷⁶ conforme já comentado, sob a iniciativa dessa irmandade cujos membros em sua maioria eram portugueses.

Além dos efetivos das ordens terceiras informados por Caldas, ele destacou as irmandades da Misericórdia, de São Pedro dos Clérigos, dos Passos e do Santíssimo Sacramento, e fez uma crítica ao elevado número de irmandades e de suas despesas: “*outraz muitas inumeraveis, em que se gasta toz os anos infinito cabedal [...]*”²⁷⁷. As irmandades do Santíssimo existiam em quase todas as paróquias e era responsável pela procissão do Corpo de Deus, também designada como Triunfo Eucarístico. Ela congregava membros da elite colonial nas cidades²⁷⁸.

Outras congregações foram organizadas por categorias sociais, como a dos oficiais mecânicos, fundada pelos jesuítas em 1614²⁷⁹; a dos sapateiros, a irmandade de São Crispim e Crispiniano; e a dos serralheiros, a irmandade de São Jorge²⁸⁰. Santa Maria informa que os soldados do Terço Velho construíram uma ermida em 1621 no distrito do Desterro, com devoção a N. Senhora do Rosário²⁸¹. Em 1675 também existia a irmandade de Santa Cruz, formada pelos soldados dos dois regimentos²⁸². Em 1724 foi colocada a primeira pedra da igreja de Santo An-

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

tônio da Mouraria pelo Governador. Em 1726 foi criada uma irmandade para cuidar da referida igreja. Em meados do século XIX foi instalada a irmandade de Santo Antônio dos Militares na mesma igreja²⁸³.

Quanto às irmandades étnicas, elas estavam dispersas na cidade. Várias não possuíam igrejas próprias. Elas eram formadas por africanos de diversas origens étnicas, por crioulos e por pardos.

A irmandade do Rosário do Carmo teria funcionado desde 1604 na igreja da Sé²⁸⁴. Ela teve seu Compromisso aprovado em 1686²⁸⁵ e reformado em 1820. Para entrar na mesma tanto o escravo como o liberto deveriam pagar 2.000 réis de esmola. As mesas eram compostas por angolas e crioulos, sendo que o procurador geral *“hum anno será da serie dos Angolas, outro da serie dos Crioulos”*²⁸⁶. Apenas os libertos podiam participar das mesas, pois eles *“vivão livre d’algua infâmia a que está sujeita a condição servil”*²⁸⁷. Entre os irmãos, entretanto, no período de 1719 a 1826 os jejes eram maioria, 324, superando todos os bantos, 156 (123 angola) e crioulos, 202²⁸⁸. A parte principal da igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho foi construída entre 1704 e 1710²⁸⁹. Sua fachada e torres só foram terminadas entre 1780 e 1781²⁹⁰. Em 1853 a irmandade possuía dois sobrados e 11 casas térreas²⁹¹.

Uma segunda irmandade do Rosário, a da Conceição da Praia teve seu compromisso aprovado em 1685. Os irmãos eram também angolas e criou-

los. Para entrar na mesma era necessário doar uma esmola de apenas 400 réis e o pagamento anual era de um tostão²⁹².

A terceira irmandade do Rosário dos Pretos foi criada na igreja de São Pedro Velho, em 1689²⁹³, na parte sul da cidade. Os irmãos solicitaram a Câmara para construir sua capela em 1746 e ela ficou conhecida como Rosário da Rua de João Pereira²⁹⁴, mas só foram autorizados pela Câmara em 1768²⁹⁵. Em 1784 a Mesa Diretora da irmandade do Rosário de J. Pereira neste caso era formada por jejes e benguelas²⁹⁶, ou seja, por africanos de origem sudanesa e banto. A capela foi destruída e reconstruída junto a Praça da Piedade, nas reformas do início do século XX.

Em 1707 foi aprovada pelo Arcebispo a quarta irmandade do Rosário dos Pretos que funcionava na Igreja do Convento de N. Senhora do Desterro²⁹⁷, no leste da cidade. Em 1722 funcionava a quinta *“Irmandade dos pretinhos”* com a mesma devoção na igreja da Vitória, no extremo sul; outra irmandade, a sexta, estava implantada na matriz de Santo Antônio, ao norte da cidade²⁹⁸ e a sétima na matriz de Brotas, na periferia leste²⁹⁹.

Em 1811, foi criada a Confraria de N. Senhora do Rosário dos 15 Mistérios dos Homens Pretos³⁰⁰, com igreja própria, inacabada, na freguesia do Passo. Nessa igreja os africanos malês teriam se reunido secretamente para organizar o levante de 1835³⁰¹.

Em 1800, foi aprovado o Compromisso da irmandade de São Benedito, de crioulos e pre-

tos (africanos), na capela de N. Senhora da Penha³⁰², em Itapagipe. Em 1812, foi autorizado o funcionamento de outra irmandade de São Benedito, de crioulos e angolas, na igreja do Rosário do Pelourinho. Na procissão de São Benedito, de 1877 ela saiu com o elevado número de 28 andores. Nessas procissões, as negras usavam “*uma profusão de jóias custosas*”³⁰³. Uma terceira irmandade de São Benedito tinha capela na igreja do convento de São Francisco³⁰⁴. Nessa igreja ainda hoje há um altar com a imagem de São Benedito. Uma quarta funcionava na matriz de Santo Antônio Além do Carmo³⁰⁵, ao norte da cidade. A quinta irmandade do mesmo orago, era formada por crioulos, e tinha sua capela na matriz da Conceição na Praia, na Cidade Baixa³⁰⁶.

A irmandade de Santo Antônio de Catagerona^r foi estabelecida em 1699, por crioulos e angolas como a Rosário do Carmo e funcionava também na igreja de São Pedro Velho³⁰⁷.

A irmandade de Nosso Senhor das Necessidades e Redenção estava sediada na capela do Corpo Santo³⁰⁸. Teria sido fundada por jejes segundo Campos e Verger. Porém, segundo o seu compromisso ela era reservada aos “*pretos nacionais de fora da cidade, como são os da Costa da Mina ou Luanda, e por nenhum princípio [seriam] admitidos toda qualidade de pretos crioulos*”³⁰⁹, outro exemplo de união de africanos de diferentes “nações” e exclusão de crioulos. Outra irmandade, a do Senhor Bom Jesus da Ressurreição dos Pretos Naturais de Bar-

ra fora, foi instalada na igreja dos Jesuítas, em 1783, também associando africanos da Costa da Mina e Angola³¹⁰.

Em 1788, foi aprovado o Compromisso da irmandade do Bom Jesus dos Martírios, formada por crioulos, na igreja da Barroquinha³¹¹, e promovia as procissões de Nossa Senhora da Boa Morte³¹². Nesse caso ela “*costumava impedir a entrada de pretos de ‘Ultramar’*”³¹³, ou seja, excluía os africanos. Nas proximidades dessa igreja teria sido fundado o importante candomblé da Casa Branca^s.

No convento de São Francisco funcionavam ainda as irmandades de Santa Efigênia; a de São Vicente Ferrer e a do Cordão de São Francisco³¹⁴. No convento do Carmo tinham instaladas a do Senhor Bom Jesus da Cruz e a irmandade de Jesus Maria José³¹⁵.

Outras irmandades menores de negros eram as seguintes: na Matriz de São Pedro, ao sul, a do Glorioso Santo Rei Baltazar, de homens e mulheres pretos³¹⁶; a do Bom Jesus da Redenção e das Almas; e a de Nossa Senhora da Soledade. Na Matriz de Santo Antônio, ao norte, a irmandade do Coração de Jesus e de Santa Ana e na capela do Rio Vermelho a irmandade de Nossa Senhora da Graça e Livramento³¹⁷.

Finalmente, a irmandade de Nossa Senhora da Soledade e Amparo dos Desvalidos, fundada em 1832 e era abrigada na capela de Quinze Mistérios. No seu compromisso estava registrado que os sócios deveriam ser “*exclusivamente de cor preta*”. Em 1851 foi transformada em



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

uma sociedade civil³¹⁸, que ainda funciona perto da igreja de São Francisco na área central da cidade.

Quanto aos pardos, a mais importante irmandade era a da Conceição do Boqueirão. Ela iniciou a construção da sua capela em 1726³¹⁹. Antes funcionava na matriz de Santo Antônio além do Carmo³²⁰. A irmandade não admitia nem escravos³²¹ nem negros³²² e de um total de 207 irmãos entre 1789 e 1807, 97 estavam na milícia, sendo dois coronéis e 61 capitães³²³, o que revela a importância dos mestiços no período. Sua igreja fica na freguesia do Passo, eixo norte da cidade. No século XIX ela foi elevada à categoria de Confraria Confessa e em seguida em Ordem Terceira³²⁴. Em 1853 ela possuía sete casas e dois terrenos³²⁵.

Outra irmandade dos “*pardos livres*” era a de N. Senhora do Amparo, com capela na antiga igreja da Sé desde 1604³²⁶. Em 1853 está registrado que ela possuía capela na freguesia da Penha e possuía apenas uma casa e um terreno³²⁷. Outra irmandade dos pardos era a N. Senhora do Terço, que foi confirmada em 1690 na capela do Corpo Santo na Cidade Baixa³²⁸.

Os “*pardos cativos*” da irmandade de N. Senhora de Guadalupe possuíam capela na mesma igreja da Sé em 1722³²⁹. Em 1776 os irmãos construíram capela própria na atual Baixa dos Sapateiros³³⁰. Ela passou a funcionar na Catedral em 1856 após a demolição de sua capela³³¹.

Em 1718 foi instalada a devoção do Senhor da Cruz, na igreja da Ajuda. Ela tomou posse da igreja da Palma em 1751, quando foi confirmada³³². Em 1764 a Confraria do Senhor Bom Jesus da Cruz teve seu compromisso aprovado³³³.

Em 1722 os pardos tinham uma irmandade de N. Senhora dos Remédios na capela de Monte Serrat³³⁴.

A do Senhor dos Passos dos Humildes, foi criada em 1783 em capela privada na rua do Tingui, tornada capela pública em 1849³³⁵. A do Nosso Senhor Bom Jesus da Paciência tinha sua capela na matriz de São Pedro³³⁶ e teve seu compromisso aprovado em 1844.

A do Senhor Bom Jesus dos Passos e Vera Cruz, esteve instalada originalmente no convento do Carmo e foi transferida para a capela da Ajuda em 1823³³⁷, tendo recebido a mesma, por Decreto Imperial em 1827³³⁸. Finalmente a irmandade e de São Gonçalo “*existente na clausura*” do convento do Desterro, era administrada por uma freira, a partir de 1815³³⁹, certamente composta pelas servas pardas do convento.

A reunião de membros das irmandades, por etnia, foi um dos fatores que permitiu a sobrevivência dos cultos africanos em Salvador.

CONCLUSÕES

A Igreja Católica, juntamente com o Estado, foram os principais agentes estruturadores da cidade de Salvador durante o período colonial. A Igreja implantou edifícios que estruturaram a cidade com destaque

para os conventos e mosteiros pelo seu grande porte, seguidos pelas igrejas e capelas. As propriedades urbanas (imóveis e terrenos) também foram fatores de desenvolvimento da cidade. A Igreja foi responsável pela primeira divisão territorial da cidade através da formação das freguesias, que teve continuidade nos distritos urbanos.

Por outro lado, o Estado financiava a igreja secular, tendo em vista a instituição do Padroado, sobretudo através de subvenções às igrejas matrizes, mas também financiava e ajudava as ordens religiosas, sobretudo com os redízimos para a ordem dos jesuítas.

Além disso, tendo em vista a mentalidade religiosa da época, as ordens religiosas e ordens leigas receberam dos fiéis doações em recursos financeiros, terras e imóveis urbanos, engenhos e fazendas com escravos e gado. Muitas das capelas e ermidas foram construídas por iniciativa de particulares e, que, em seguida foram ampliadas em igrejas.

O papel da Igreja refletiu as características da sociedade escravista: tanto pela posse de engenhos e fazendas, baseados no trabalho escravo, como a propriedade particular de escravos pelos sacerdotes seculares, frades e freiras. As normas da Igreja Secular também foram adaptadas a um contexto escravista diferente do da Metrópole, onde o trabalho escravo não era dominante.

As irmandades leigas tiveram um papel complementar, porém importante na medida em que respondiam as divisões da sociedade escravista: irmandades exclusivas para brancos, que tiveram seu contraponto em irmandades para pardos, negros e mesmo algumas para grupos étnicos africanos, o que permitiu a manutenção de seus cultos originais, adaptados ao novo contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANACH para a cidade da Bahia, anno 1812. Salvador: C. E. C.; S. E. C., 1973 [1811].

ALMEIDA, Eduardo de Castro e (Org.) Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha do Ultramar. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. V. 31, 1913; v. 32, 1914a; v. 34, 1914b.

ALVES, Marieta. *História da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

AMARAL, Braz do. *Resenha Histórica da Bahia*. Salvador: Tip. Naval, 1941.

AMARAL, José Alvares do. Resumo Chronologico e Noticioso da Provincia da Bahia, desde o seu descobrimento em 1.500. Anotador Teixeira Barros. *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, 47 (1921-1922), p.71-559 [1881].

ANCHIETA, José de. *Cartas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988 [1554-1594].

AZZI, Riolando. Consciência da Igreja de si mesma no tempo colonial. In HORNAERT, E. et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época Período colonial*. Petrópolis: Vozes, 2008 [1977], p. 153-242.

BAHIA/S.I.C./C.F.T. Inventário de Proteção ao Acervo Cultural. Vol. I - *Monumentos do Município de Salvador - Bahia*. Salvador, 1975 [SIC].

BARBOSA, Mons. Manoel. Nossa Senhora da Conceição na história da Bahia, in *O Bi-Centenário de um Monumento Bahiano*. Salvador: Beneditina, 1971, p. 375-435.

BAZIN, Germain. *L'architecture religieuse baroque au Brésil*. São Paulo: Museu de Arte; Paris: Plan, 1955 [1945].



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO - DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

BOCCANERA Jr., Silio. *Bahia epigraphica e iconográfica*. Salvador: Ministério da Justiça, 1928

BOXER, Charles R. *Portuguese Society in the Tropics*. Madison: Wisconsin Press, 1965.

BOXER, Charles R. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. Lisboa: Ed. 70, 1992 [1969].

BOXER, Charles R. *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Ed. 70, 1989 [1978].

BRAGA, Julio Santana. *Sociedade Protetora dos Desvalidos. Uma irmandade de cor*. Salvador: Ianamá, 1987.

CALDAS, José Antonio. *Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759*. Salvador: Beneditina, 1951 [1759].

CAMPOS, J. da Silva. *Procissões Tradicionais da Bahia*. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1941.

CASIMIRO, Ana P. B. *Mentalidade e Estética na Bahia Colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis*. Salvador: F.C.E.B., 1996.

COSTA, P. Avelino de J. da. *População da Cidade da Baía em 1775*. V *Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Coimbra, 1965, p. 5-88.

COSTA E SILVA, Cândido da. *Os Segadores e a Messe. O clero oitocentista na Bahia*. Salvador: Edufba, 2000.

DAMAZIO, Antonio J. *Tombamento dos bens imóveis da Santa Casa da Misericórdia da Bahia em 1862*. Salvador: Typographia Camillo de Lellis Masson, 1862.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

DANTAS, Irmã Maria Teresa Costa Pinto. *História das Ursulinas no Brasil. 1. O Convento de Nossa Senhora das Mercês*. Rio de Janeiro: U. S. U., s/d.

FALLA, recitada na abertura da Assembléia Legislativa: 1845 e 1846 (Francisco José de Sousa Soares D'Andrea).

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1991 [1974]*.

Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha do Ultramar - AMU (Organizado por Eduardo de Castro e Almeida). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Vols. XXXI (1913), XXXIV (1914) e XXXVI (1916) [AMU].

JABOATÃO, Antônio de S. M. *Novo orbe seráfico brasílico, ou Chronica dos frades menores da provincia do Brasil*. Recife: A. L. E. P., 1979-1980, 3 v. [1761].

LACOMBE, Américo J. A Igreja no Brasil Colonial, in Holanda, S. B. (Dir.) *História Geral da Civilização Brasileira*. 1. A Época Colonial. Vol. 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993, p. 51-75.

LEÃO Filho, Joaquim de Souza. *Salvador da Bahia de Todos os Santos: iconografia seiscentista desconhecida*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1957.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portugália, Tomos. 1 e 2, 1938.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, Tomos 1 e 5, 2000 [1938 e 1945].

LEITE, Serafim. *Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

LIVRO Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade do Salvador. Salvador: Tip. Beneditina, 1945

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

LOSE, Alícia D.; PAIXÃO, D. Gregório, OSB (org.) *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*: Editando 430 anos de história. Salvador; Memória&Arte, 2016, vol. II.

MARTINEZ, Socorro T. *Ordens Terceiras: Ideologia e Arquitetura*, Salvador: FFCH / UFBA, 1979.

MARX, Murillo. *Nosso Chão, do sagrado ao profano*. São Paulo: Edusp, 2003 [1987].

MATTOS, Waldemar. *Os Carmelitas Descalços na Bahia*. Salvador: Manu, 1964.

MATTOS, Waldemar. Arcebispos da Bahia e N. Senhora da Conceição no século XIII, in *O Bi-Centenário de um Monumento Bahiano*. Salvador: Beneditina, 1971, p. 223-242.

MATTOS, Waldemar. *Evolução Histórica e Cultural do Pelourinho*. Rio de Janeiro: Senac, 1978.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia Século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MONTEIRO, Antonio. *Notas sobre Negros Malês na Bahia*. Salvador: Ianamá, 1987.

MORENO, Diogo de C. *Livro que dá razão do Estado do Brasil - 1612*. Recife: Arquivo Público Municipal, 1955 [1612].

NASCIMENTO, Anna A. V. *Patriarcado e religião: as enclausuradas clarissas do Convento do Desterro da Bahia, 1677-1890*. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, 1994.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil 1549-1560*. B. Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988 [1549/1560].

NOVINSKY, Anita. *Cristãos novos na Bahia: a inquisição*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

OLIVEIRA Maria Inês C. de. *O liberto: o seu mundo e os outros*. São Paulo: Corrupio, 1988.

ORDENS RÉGIAS: 1725-1727; 1729-1732; 1748-1754. *Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia - APEB*, vols. 32 (1952); 42 (1976); 46 (1982) [OR].

OTT, Carlos. *O Carmo e a Ordem 3a do Carmo na cidade do Salvador*. Salvador: Alfa, 1989.

OTT, Carlos. *Guia Artístico da Cidade do Salvador*. Salvador: Alfa, 1990.

OTT, Carlos. *História das Artes Plásticas na Bahia (1550-1900)*. Salvador: Alfa, 1991.

PARÉS, Luis Nicolau. *A Formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Salvador: Macunaíma; Egba, 1974.

PINHO, Wanderley. (Prefácio) *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade do Salvador*. Salvador: Tip. Beneditina, 1945.

PINTO, Orlando da Rocha. *Cronologia da Construção do Brasil. 1500-1889*. Lisboa: Horizonte, 1987.

PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa, 1500-1724*. B. Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976 [1724].

QUERINO, Manuel. *A Bahia de outrora*. Salvador: Progresso, 1955 [1916].

REGNI, Pietro Vittorino. *Os capuchinhos na Bahia: uma contribuição para a história da Igreja no Brasil*. Salvador: Casa Provincial dos Capuchinhos, 1988.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo: Alameda, 2011.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

ROCHA, D. P.; AMOROSO, D. T.; VALLADARES, C.; REGO, W. *400 Anos do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador: M. S. B. B. / C. N. O., 1982.

ROSENDAHL, Zeny. *Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e Filantropos. A Santa Casa da Misericórdia da Bahia 1550-1755*. Brasília: Eunb, 1981 [1968].

RUSSEL-WOOD, A. J. R. Aspectos da vida social das irmandades leigas da Bahia no sec. XVIII, in *O Bi-Centenário de um Monumento Bahiano*. Salvador: Beneditina, 1971, p.143-168.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil*. New York: St. Martin's Press, 1982.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Society and government in colonial Brazil, 1500-1822*. Aldershot: Variorum, 1992.

RUY (de Souza), Affonso. *História Política e Administrativa da Cidade do Salvador*. Salvador: Beneditina, 1949.

RUY (de Souza), Affonso. A importância do bairro da Conceição da Praia no Século XVIII, in *O Bi-Centenário de um Monumento Bahiano*. Salvador: Beneditina: 1971, p.129-142.

SALGUEIRO, Francisco S. M. Notícia das igrejas da capital da Bahia, *Anais do Arquivo do Estado da Bahia*, 46 (1982), p. 5-78 [1887].

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

SALVADOR. P.M.S. - Prefeitura Municipal de Salvador. *Atas da Câmara 1641-1649*, 2º vol., 1949; 1751-1765, 10º vol., 1996. Salvador [A.C.].

SALVADOR. P.M.S. – Prefeitura Municipal de Salvador. *Cartas ao Senado 1638-1673*, 1º vol., Salvador, 1951; 1673-1684, 2º vol., 1952; 1699-1710, 5º vol., 1960 [C.S.].

SAMPAIO, Teodoro. *História da Fundação da Cidade de Salvador*. Salvador: Beneditina, 1949.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. Seminário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora [...]. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 74, 1947 [1722], p. 1-181.

SCHWARTZ, Stuart B. *Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1979 [1973].

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988 [1985].

SMITH, Robert. Aspectos da Arquitetura da Basílica da Conceição da Praia, in *O Bi-Centenário de um Monumento Bahiano*. Salvador: Beneditina, 1971, p. 87-128.

SILVA, Ignácio A. de C. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Anotador Braz do Amaral. Salvador: Imprensa Oficial, 1925 (vol.2 [1836]); 1937 (vol. 5 [1843]).

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Nacional, 1987 [1587].

SOUZA, Alcídio Mafra de. (Coord.) *Guia dos Bens Tombados: Bahia*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1983.

TEIXEIRA, Cid. As grandes doações do 1º governador. In *Cedurb: A Grande Salvador*. Salvador, 1978, p. III-1-39.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

TOMBO dos Bens das Ordens Terceiras, Confrarias e Irmandades da Cidade do Salvador instituído em 1853. *Publicações do Arquivo do Estado da Bahia*, Vol. VI. Salvador: Imprensa Oficial, 1948.

UFBA/FAU/CEAB. *Evolução Física de Salvador*. Salvador, 1980 (2 vols.).

VARNHAGEN, Francisco A. *História Geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1962 (5 vols.) [1857].

VASCONCELOS, Pedro de A. Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial, in CASTRO, I., GOMES, P.; CORRÊA, R. (org.) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997, p.247-278.

VASCONCELOS, Pedro de A. Les agentes de la formation des villes coloniales brésiliennes. In DIAS, L. C.; RAUD, C. (dir.) *Villes et régions au Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2000, p.79-92.

VASCONCELOS, Pedro de A. *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)*. Ilhéus: Editus, 2002; Salvador, Edufba, 2016 [2ª ed. revista e ampliada].

VASCONCELOS, Pedro de A. *Salvador de Bahia (Brésil). Transformations et permanences (1549-2004)*. Paris: L'Harmattan, 2005.

VASCONCELOS, Pedro de A. A utilização dos agentes sociais nos estudos de Geografia Urbana: avanço ou recuo? In CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) *A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 75-96.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos*. São Paulo: Corrupio, 1987 [1968].

VERGER, Pierre. *Notícias da Bahia de 1850*. Salvador: Corrupio; FCEB, 1981.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, 2007 [1710; 1853].

VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no Século XVIII*. Salvador: Itapuã, 1969 (3 vols.) [1802].

WILDBERGER, Arnold. Tomé de Souza, fundador da Igreja de N. S. da Conceição da Praia e da Cidade do Salvador em 1549, in *O Bicentenário de um Monumento Bahiano*. Salvador: Beneditina, 1971, p.11-61.

WILLEKE, F. Venâncio (Org.) *Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia (1587-1862)*. Rio de Janeiro: MEC / IPHAN, 1978.

NOTAS DE RODAPÉ

a. A maior parte das informações estão baseadas em Vasconcelos, 2016.

b. De fato, o regime colonial termina em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa fugindo das tropas napoleônicas, embora a independência formal tenha se dado em 1822.

c. Para uma discussão teórica sobre agentes ver Vasconcelos (2011). Quanto aos agentes no período colonial ver Vasconcelos (1997 e 2000).

d. A Ordem de Cristo era herdeira do patrimônio da antiga Ordem dos Templários (AZZI, 2008, p. 162-163).

e. O bispado de Salvador foi o único na colônia de 1551 a 1676 (HOORNAERT, 1991, p. 75).

f. Para LEITE (2000, I, p. 23), Nóbrega, em correspondência de 1549, já fazia referência a igreja da Sé.

g. O Brasil contou com um único Arcebispado, sediado em Salvador, no período de 1676 a 1889, ou seja, durante 213 anos (HOORNAERT, op. cit., p. 75)

h. Para o exame da difusão espacial da Diocese (1551) e da Arquidiocese de Salvador (1676) ver Rosendahl (2012).

i. Um dos objetivos do Concílio de Trento (1563-1564), além da realização da Contra Reforma da Igreja diante do avanço da Reforma protestante, foi o aumento da autoridade dos bispos (BOXER, op. cit., p. 86).

j. Essas regras não foram seguidas no Império: um sacerdote negro, natural de Itaparica, foi ordenado em 1825, e um filho de uma parda foi ordenado em 1835 e chegou a Vigário da Conceição da Praia e Desembargador da Relação Eclesiástica (COSTA E SILVA, 2000, p. 476 e 356).

k. Os restos mortais de Mem de Sá estão sepultados na antiga igreja dos jesuítas.

l. A Coroa portuguesa proibiu a implantação de conventos nas regiões mineiras para evitar o contrabando de ouro.

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

m. No documento de doação está registrado que Catherina falava "na língua da terra", ou seja, não dominava o português (In LOSE; PAIXÃO, 2016, p. 89).

n. A igreja de São Gonçalo de Amaranite já estava em ruínas no século XIX e não há mais vestígios da construção atualmente.

o. Azzi informou que o convento da Lapa foi fundado por ursulinas franciscanas embora elas fossem conhecidas como "franciscanas concepcionistas" (op. cit., p. 226-227).

p. As ordens primeiras eram compostas pelos frades, as segundas pelas freiras e as terceiras pelos leigos.

q. Mesmo sem contar com um convento dominicano os membros portugueses da ordem buscavam ter apoio da ordem nas cidades coloniais brasileiras.

r. Seria o Santo Antônio de Categeró, originário do Norte da África e que foi escravizado.

s. Parés informou que Mãe Aninha, dirigente do Axé Opó Afonjá, foi provedora e juíza dessa irmandade no início do século XX (2006, p. 99).

1. BOXER, 1989, p. 65
2. LACOMBE, 1993; AZZI, 2008.
3. BAZIN, 1955, II, p. 22
4. SANTA MARIA, 1947, 32
5. PERES, 1974
6. SOUSA, 1987, p. 135
7. BAZIN, op. cit., p. 35
8. PITA, 1976, p. 210
9. CALMON, in PITA, 1976, p. 72
10. AMU 11820, p. 579
11. SANTA MARIA, op. cit.
12. PERES, op. cit.
13. VILHENA, 1969, p. 440
14. BAZIN, op. cit., I, p. 11
15. WILDBERGER, 1971, p. 36
16. SOUSA, 1987, p. 138
17. AMARAL, in VILHENA, 1969, p. 471
18. SILVA, 1937, p. 72
19. OTT, 1990, p. 52
20. SMITH, 1971, p. 93 e 118
21. BAZIN, op. cit., II, p. 23
22. AMARAL, 1921-1922, p. 543
23. BAZIN, op. cit., p. 142
24. SIC, op. cit., p. 50
25. Ibid.
26. MORAIS, Mello apud BAZIN (op. cit., p. 31).
27. Ibid., p. 34
28. SILVA, op. cit.
29. SIC, op. cit., p. 125-126
30. Ibid., p. 121-122
31. OTT, 1991, p. 245
32. CALMON apud PITA, 1976, p. 73
33. SIC, op. cit., p. 106
34. BAZIN, op. cit., p. 26
35. Ibid., p. 28
36. SIC, op. cit., p. 112
37. BAZIN, op. cit., p. 26
38. SIC, op. cit., p. 40
39. VERGER, 1987, p. 96 e 117
40. BAZIN, op. cit., p. 36-37
41. LACOMBE, op. cit., p. 60
42. RUY, 1949, p. 217
43. VARNHAGEN, 1962, III, p. 229; LACOMBE, op. cit., p. 73
44. ALMANACH, 1973, p. 92
45. VIDE, 2007, Livro III, Título 31, p. 579
46. Ibid., Livro IV, Título 27, p. 728
47. Ibid., Livro I, Título 50, p. 213
48. Ibid., Título 53, p. 224
49. Ibid., Livro III, Título 37, p. 609
50. Ibid., Livro I, Título 54, p. 228
51. Ibid., Livro IV, Título 17, p. 687
52. Ibid., p. 689
53. Ibid., Título 29, p. 738
54. Ibid., Título 32, p. 747
55. Ibid., p. 755

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

56. *Ibid.*, p. 758
 57. *Ibid.*, p. 757
 58. OTT, *op. cit.*, p. 27
 59. SMITH, *op. cit.*, p. 109
 60. SALGUEIRO, 1982, p. 36
 61. NÓBREGA, 1988, p. 194
 62. LEITE, 2000, 2 p. 510
 63. AZZI, *op. cit.*, p. 184
 64. NOVINSKY, 1992
 65. AMU, 6477-8, p. 48
 66. *Ibid.*, 8522, p. 279
 67. *Ibid.*, 19050, p. 94
 68. MORENO, 1955, p. 154
 69. *Ibid.*, p. 148
 70. LACOMBE, *op. cit.*, p. 69
 71. LEITE, 1965, p. 174
 72. LACOMBE, *op. cit.*, p. 71
 73. LEITE, 1938, I, p. 126
 74. *Ibid.*, p. 185
 75. *Ibid.*, p. 182
 76. *Idem*, 2000, 5, p. 120-121
 77. ANCHIETA, 1988, p. 312
 78. LEITE, *op. cit.*, I, p. 26 e 28
 79. *Idem*, 2000, 5, p. 121-123
 80. SMITH, *op. cit.*, p. 94
 81. BAZIN, *op. cit.*, p. 19
 82. LEITE, *op. cit.*, V, p. 128
 83. *Ibid.*, p. 44.
 84. *Ibid.*, p. 6
 85. ANCHIETA, *op. cit.*, p. 422
 86. SOUSA, *op. cit.*, p. 136
 87. BAZIN, *op. cit.*, p. 20
 88. CALDAS, 1951, p. 13
 89. SIC., *op. cit.*, p. 96
 90. SOUZA, 1983, p. 161
 91. BAZIN, *op. cit.*, p. 28
 92. *Ibid.*, p. 14
 93. LEITE, *op. cit.*, V, p. 153
 94. MATTOS, 1978, p. 101
 95. BAZIN, *op. cit.*, p. 18
 96. BOXER, 1992, p. 317
 97. AMARAL, 1941, p. 180-181
 98. SILVA, 1925, p. 207
 99. AMU, 4550, p. 396
 100. LEITE, *op. cit.*, v, p. 135
 101. RUSSELL-WOOD, 1981, p. 213
 102. BAZIN, *op. cit.*, p. 21
 103. RUY, 1949, p. 350
 104. RUSSELL-WOOD, *op. cit.*, p. 285
 105. LACOMBE, *op. cit.*, p. 72
 106. CASIMIRO, 1996, p. 70
 107. WILLEKE, 1978, p. 106
 108. SCHWARTZ, 1979, p. 203
 109. C. S., 1951, p. 100
 110. WILLEKE, *op. cit.*, p. 106
 111. SILVA, 1937, p. 137
 112. WILLEKE, *op. cit.*, p. 108
 113. O. R. 1729-1732, 1976, p. 84
 114. BAZIN, *op. cit.*, I, p. 144
 115. *Idem.*, II, p. 17; WILLEKE, *op. cit.*, p. 106
 116. AMARAL, in VILHENA, *op. cit.*, I, p. 469
 117. CALDAS, *op. cit.*, p. 15
 118. In COSTA, 1965, est. 4
 119. AMU 1748, p. 455
 120. JABOATÃO, 1979-1980, III, p. 291
 121. AMU, 8698, p. 285
 122. AMU 9119, p. 320
 123. AMARAL, in SILVA, *op. cit.*, p. 345
 124. WILLEKE, *op. cit.*, p. 120
 125. PINHO, 1945, p. xvi
 126. *Ibid.*, p. xvii
 127. SAMPAIO, 1949, p. 275
 128. AZZI, *op. cit.*, p. 214
 129. SOUSA, *op. cit.*, p. 138
 130. In LEÃO Filho, 1957
 131. CEAB, 1980, I, p. 68
 132. PINTO, 1987, p. 101
 133. ROCHA et al., 1982, p. 10
 134. BAZIN, *op. cit.*, II, p. 31
 135. LIVRO Velho do Tombo [...], 1945, p. 395 e 399.
 136. LOSE; PAIXÃO, *op. cit.*, p. 89
 137. BAZIN, *op. cit.*, p. 18
 138. *Ibid.*, p. 25
 139. LOSE; PAIXÃO, *op. cit.*, p. 297; TEIXEIRA, 1978, p. 16
 140. SCHWARTZ, 1988, p. 93
 141. CALDAS, *op. cit.*, p. 15
 142. In COSTA, *op. cit.*, est. 4
 143. AMU 17419, p. 455
 144. BAZIN, *op. cit.*, p. 30
 145. CALDAS, *op. cit.*, p. 16
 146. AMU 17422, p. 457
 147. REGNI, 1988, p. 194 e 196
 148. O. R. 1725-1727, 1952, p. 3
 149. C. S. 1673-84, p. 77
 150. LACOMBE, *op. cit.*, p. 73
 151. CALDAS, *op. cit.*, p. 17
 152. In COSTA, *op. cit.*, est. 4
 153. AMU 17424, p. :459
 154. SILVA, *op. cit.*, p. 241
 155. CALDAS, 1951, p. 19
 156. DANTAS, s/d, 35 e 40.
 157. ALMEIDA, 1914a, p. 66-68
 158. *Idem*, 1913, doc. 1520, p. 101
 159. CALDAS, *op. cit.*, p. 12
 160. *Ibid.*, p. 19
 161. AMU 17423, p. 457
 162. LACOMBE, *op. cit.*, p. 73
 163. SILVA, *op. cit.*, p. 198
 164. OTT, 1989, p. 7
 165. BAZIN, *op. cit.*, p. 17
 166. DANTAS, *op. cit.*, p. 35.
 167. OTT, 1991, p. 30 e 71
 168. SANTA MARIA, *op. cit.*, p. 42
 169. AMARAL in SILVA, *op. cit.*, p. 463

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

170. AMU, 311, p. 48-49
 171. CALDAS, op. cit., p. 14
 172. AMU, 17421, p. 456
 173. AMU 9119, p. 320
 174. SILVA, I, 1931, p. 287
 175. AZZI, op. cit., p. 227
 176. AMARAL, in VILHENA, 1969, p. 472
 177. CALDAS, 1951, p. 22
 178. SALGUEIRO, op. cit., p. 62
 179. AMARAL, in VILHENA, op. cit., p. 472
 180. O. R. 1748-1754, 1954, p. 121
 181. ALMEIDA, 1914a, p. 66-68
 182. BAZIN, op. cit., p. 29
 183. MATTOSO, 1992, p. 372
 184. PITA, 1976, p. 185
 185. BAZIN, op. cit., p. 29
 186. BARROS, in AMARAL, 1922
 187. NASCIMENTO, 1994, p. 307
 188. CALDAS, 1951, p. 20
 189. In COSTA, op. cit., est. 4
 190. AMU 6556, p. 68
 191. SCHWARTZ, op. cit., p. 180
 192. BAZIN, op. cit., p. 25
 193. PITA, 1976, p. 204
 194. C. S. 1699-1710, p. 23
 195. CALDAS, 1951, p. 18
 196. AMU 17425, p. 459
 197. AMU 10067-8, p. 421
 198. BAZIN, op. cit., p. 26
 199. Ibid., p. 24
 200. CALDAS, 1951, p. 13
 201. BAZIN, op. cit., p. 24
 202. AMU, 6555, p. 67
 203. ALMEIDA, op. cit., p. 66-68
 204. AZZI, op. cit., p. 228
 205. RUSSELL-WOOD, op. cit., p. 265
 206. PINHO, op. cit., p. xvii
 207. BOXER, 1965, p. 89
 208. C. S., 1951, p. 116-117
 209. C. S. 1673-1684, p. 77
 210. AMU, 1520, p. 101
 211. AMARAL, in SILVA, 1937, p. 344
 212. CALDAS, op. cit., p. 10-13
 213. In COSTA, op. cit., est. 4
 214. In VARNHAGEN, 1962, IV, p. 294
 215. VASCONCELOS, 2016, p. 180.
 216. WILLEKE, 1978, p. 107
 217. AZZI, op. cit., p. 234
 218. Ibid., p. 235
 219. RUSSELL-WOOD, op. cit.
 220. CAMPOS, 1941, p. 48
 221. BARBOSA, 1971, p. 392
 222. DAMAZIO, 1862, p. 23-24
 223. BAZIN, op. cit., p. 28
 224. AZZI, op. cit., p. 236
 225. AMU, 377, p. 59; RUSSELL-WOOD, op. cit., p. 149
 226. RUSSELL-WOOD, op. cit., p. 257
 227. CALDAS, op. cit., p. 23
 228. DAMAZIO, op. cit., p. 59-60
 229. AZZI, op. cit.; RUSSELL-WOOD, op. cit.
 230. LOSE; PAIXÃO, p. 297; TEIXEIRA, 1978, p. 16
 231. SANTA MARIA, op. cit., p. 62-63
 232. RUY, 1971, p. 134
 233. SCHWARTZ, op. cit., p. 180
 234. VILHENA, op. cit., p. 125
 235. ANDREA, 1845
 236. CASIMIRO, 1996, p. 15
 237. ALVES, 1948
 238. MATTOS, op. cit., p. 87
 239. SILVA, op. cit., p. 143
 240. MATTOS, op. cit., p. 92
 241. QUERINO, 1955, p. 11
 242. JABOATÃO, op. cit., p. 306-309
 243. CAMPOS, op. cit., p. 24
 244. Ibid., p. 304
 245. CALDAS, op. cit., p. 23
 246. MARTINEZ, 1979
 247. RUSSELL-WOOD, 1992, cap. V, p. 65
 248. TOMBO, 1948
 249. MARTINEZ, 1979, p. 210
 250. BAZIN, op. cit., p. 32
 251. MATTOS, op. cit., p. 94
 252. RUSSELL-WOOD, op. cit., cap. V., p. 158
 253. CALDAS, op. cit., p. 23
 254. CAMPOS, op. cit., p. 41
 255. TOMBO, op. cit.
 256. SILVA, 1937, p. 104
 257. BAZIN, op. cit., p. 34
 258. AMU 17437 p. 459
 259. SIC, op. cit., p. 85-96.
 260. SILVA, op. cit., p. 210
 261. OTT, 1998, p. 40
 262. MARTINEZ, op. cit.
 263. BAZIN, op. cit., p. 18
 264. OTT, 1989, p. 101
 265. BAZIN, op. cit., p. 18
 266. MARTINEZ, op. cit.
 267. CALDAS, op. cit., p. 23
 268. RUSSELL-WOOD, op. cit., p. 158
 269. Ibid., p. 163
 270. CAMPOS, op. cit., p. 174
 271. OTT, 1998, p. 78
 272. TOMBO, op. cit.
 273. MARTINEZ, op. cit.
 274. BARROS, Borges apud MARTINEZ, op. cit., p. 33
 275. RUSSELL-WOOD, 1971, p. 164-166
 276. OTT, 1990, p. 52
 277. CALDAS, op. cit., p. 16
 278. AZZI, op. cit., p. 236-237



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709

279. LEITE, 1965, p. 134
 280. A. C. 1641-1649
 281. SANTA MARIA, *op. cit.*, p. 45
 282. RUSSELL-WOOD, 1981, p. 170
 283. SIC, *op. cit.*, p. 58
 284. OTT, 1968, p. 121
 285. SMITH, *op. cit.*, p. 92
 286. RUSSELL-WOOD, 1992, *cap. VI*, Appendix, p. 10
 287. *Ibid.*, p. 12
 288. REGINALDO, 2011, p. 347.
 289. OTT, 1991, p. 76
 290. SIC, *op. cit.*, p. 44
 291. TOMBO, *op. cit.*
 292. RUSSELL-WOOD, *op. cit.*, *cap. VI*, p. 108
 293. AMU, 16926, p. 416
 294. ALMEIDA, 1914b, p. 416
 295. BOCCANERA Jr., 1928, p. 431
 296. REIS, 1991, p. 56
 297. SANTA MARIA, *op. cit.*, p. 45
 298. *Ibid.*, p. 51 e 56
 299. OLIVEIRA, 1988, p. 86.
 300. SALGUEIRO, *op. cit.*, p. 65
 301. MONTEIRO, 1987, p. 33-34
 302. AMU 23172-3, p. 443
 303. *Ibid.*, p. 206, 207 e 209
 304. CAMPOS, *op. cit.*, p. 207
 305. PARÉS, 2006, p. 86.
 306. OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 86
 307. RUSSELL-WOOD, *op. cit.*, p. 108
 308. CAMPOS, *op. cit.*, p. 168-169
 309. REGINALDO, *op. cit.*, p. 156.
 310. *Ibid.*, p. 123 e 156.
 311. CAMPOS, *op. cit.*, p. 79
 312. *Ibid.*, p. 79 e 240.
 313. REGINALDO, *op. cit.*, p. 158.
 314. *Ibid.*, p. 123 e 136.
 315. OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 86.
 316. REGINALDO, *op. cit.*, p. 123 e 136.
 317. OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 86.
 318. BRAGA, 1987, p. 23, 30-31.
 319. MATTOS, 1971, p. 237
 320. SIC, *op. cit.*, p. 100
 321. MARTINEZ, *op. cit.*, p. 120
 322. *Ibid.*, p. 125
 323. *Ibid.*, p. 160
 324. *Ibid.*, p. 35-36
 325. LIVRO do Tombo, *op. cit.*
 326. SANTA MARIA, *op. cit.*, p. 38-40.
 327. TOMBO, *op. cit.*
 328. SANTA MARIA, *op. cit.*, p. 61 e 79.
 329. *Ibid.*, p. 35-36 e 39-40
 330. *Ibid.*, p. 31; AMARAL, *op. cit.*, p. 480.
 331. SALGUEIRO, *op. cit.*, p. 31.
 332. *Ibid.*, p. 42
 333. CAMPOS, *op. cit.*, p. 86 e 88.
 334. SANTA MARIA, *op. cit.*, p. 59-61.
 335. SALGUEIRO, *op. cit.*, p. 47
 336. VERGER, 1981, p. 65-66.
 337. OTT, 1982, p.332.
 338. CAMPOS, *op. cit.*, p. 142.
 339. NASCIMENTO, *op. cit.*, p. 210 e 479.

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

JULHO- DEZEMBRO, 2020
ISSN 2175-3709